

PHAELANTE DA CÂMARA

Prof. Everardo da Cunha Luna ()*

Indicado pela douda Congregação desta Faculdade para, em seu nome, discorrer sôbre a personalidade do Professor Francisco Phaelante da Câmara Lima, nas festas do centenário, que hoje se celebram em homenagem ao ilustre mestre pernambucano, queremos-nos dizer honrado pela tarefa, e proclamar o nosso contentamento pelo encontro, que tivemos, com uma época e um nome, cuja significação nunca é demasiado exaltar — significação para as letras, para o direito, para a política, para a cultura enfim. E manifestar, também, um particular carinho de nossa parte, ao estudar o homem Phaelante da Câmara — é que êle ocupou a 2.^a Cadeira de Direito Penal desta Escola, cadeira, atualmente confiada a êste conferencista que vos fala.

De boa constituição física, apesar de cedo arrebatado desta vida, havia no Prof. Phaelante o vigor e a robustez dos homens que trabalham a natureza, essa vitalidade que, uma vez herdada, conserva-se pela ação produtiva e constante. Martins Júnior, é o homenageado quem o diz, era “franzino e delicado como uma flor de estufa; eu, criado ao ar livre dos campos, tonificando-me tôda manhã num banho de cachoeira, correndo a cavalo em pêlo nos raros interregnos em que a vigilância de meu pai dormia, e apto para as campanhas irritantes por sentir de vez em quando abro-lhar-me do fundo do temperamento as arrogâncias de um meu tataravô que foi capitão-mór”. Arrogâncias,

(*) Catedrático de Direito Penal.

acrescentamos nós, do homem decidido, cuja expressão, forte e serena, não se compadecia com a prepotência e o despotismo. Assim corporalmente vigoroso, e com a ampla frente, de beleza romântica, que a tradição aponta como sinal de inteligência, em que pese a vários desmentidos da ciência, Phaelante manifestava o vigor do seu espírito, trazendo, na cabeça, o símbolo da intelectualidade.

Nas relações com o mundo e com as pessoas, abria-se a alma de nosso homenageado para vivê-las com intensidade.

Sensível à arte e sobretudo aos seres humanos, entusiasmava-se, arrebatava-se com facilidade. Era um gasto de energias contínuo, principalmente das energias consumidas pelas emoções da vida política, em cujo torvelinho o mestre, ao aproximar-se o fim de sua caminhada terrena, sentia, vez por outra, que se lhe escapava a exuberância, para viver momentos de negro pessimismo. Mas mesmo assim, rapidamente voltava ao seu estado natural de confiança e otimismo: "Nas intermitências de uma saúde que se vai, é o homenageado que fala, e na constância da desilusão do civismo, que foi outrora a minha clava de combatente na pequena esfera de ação do meu espírito insubmisso, sinto, em todo caso, que me voltam as ruidosas emoções da juventude".

O transbordar das emoções era traço característico de Phaelante. Foi o orador de sua turma, nesta Faculdade, e na ocasião do ato solene de formatura, êle nos relata o que lhe sucedeu nestas palavras: "Li o meu discurso, Srs. Doutores, como ainda hoje, por uma exigência dos estatutos, se costuma fazer; mas o transbordamento das minhas emoções foi tal que, apesar de acostumado à tribuna, as letras do manuscrito, como se fôsem de repente invadidas pela moléstia de S. Guido, se moviam, transpunham as suas fronteiras, ou ziguezagueavam em cabriolas macabras de tal modo, que cheguei a julgar, por vêzes, impraticável a leitura".

Sensibilidade viril, demonstrada nas amizades que soube cultivar, como a amizade que o ligava a Martins

Júnior, de que recebia, êle o diz, a necessária correção para "as asperezas das tendências atávicas", tendências que eram forças na defesa das idéias comuns aos dois amigos. Diante do cadáver de Martins Júnior, Phaelante discursava, mas no momento de despedir-se do amigo, sentiu-se invadido de tamanha emoção que deixou cortar-se o fio de suas palavras.

Mas essa disposição para refletir, em vibrações interiores, as coisas, os acontecimentos, a vida com os semelhantes, completava-se, em nosso homenageado, com outra disposição, igualmente rica e dinâmica. É que Phaelante voltava-se para a realidade externa, não satisfeito somente com recebê-la, mas interessado também por modificá-la, em dar-lhe o cunho de sua personalidade, o marco de sua humanidade. Trabalhador, atarefado, fazendo a clara distinção entre as tarefas que nos propomos e as tarefas que nos são propostas pelo mundo que nos cerca, longe dêle certamente estava aquela neurastenia, que êle próprio aponta em Tobias Barreto, nestas palavras: "A febre da produção nêle apresentava-se com intermitência; o termômetro subia às guinadas, mas descia logo deixando-o como que em prostração". Neurastenia que atormentava um grande espírito, levando-o a falhas no campo da ação como perder ano do curso durante a vida estudantil, faltar aulas como professor, deixar de comparecer em audiências como advogado. Sempre ocupado e multiplemente ocupado, impetuoso e febril, somente no fim de sua vida, talvez já perseguido pela doença, é que se notam, em Phaelante, sinais de cansaço. Nas proximidades da morte, consciente da realidade iminente, conserva o espírito sereno e objetivo, declarando, numa carta enviada a Netto Campello, o que segue: "Estou vendo por um óculo as melhoras anunciadas para os jornais daí em telegramas. Cada dia essas decantadas melhoras vão me aproximando mais de **S. João Batista**, que é o mais próximo. Não sei se V. me entende. Não posso mais. Prêso ao leito, há longos dias, faço um grande esforço para lhe dirigir estas linhas".

Phaelante era um homem de ação e, como homem

de pensamento, não pertencia ao grupo daqueles que separam o pensamento da ação, como duas diligências distintas. Um trecho de sua obra sobre Tobias Barreto é exemplar. Ouçamo-lo: “Mas no homem que pensa, eu quero ver também o homem que executa. Estou longe de supor que para o culto do pensamento, seja preciso a instituição de uma classe bramânica, sagrada. Seria o sacerdócio da ociosidade. O gênio, qualquer que seja a sua manifestação, deve entrar, deve aparecer como parte ativa nos trabalhos, nas lutas, nos progressos da humanidade. Dizer ao poeta, ao filósofo, ao pensador em geral: nós te sustentamos, o teu esforço é todo íntimo, — importa dizer-lhe: — divorcia-te da sociedade, renuncia às doçuras da família, aos encantos da mulher; nós iremos buscar-te na gruta do teu pensamento, piaga da civilização. Outros teriam porventura pensado também assim, mas o certo é que lhes faltou a iniciativa do gênio”. Com essas palavras, o nosso homenageado dava uma definição de si próprio, traçando para si mesmo uma pauta de conduta.

Recebendo, no mundo interior, os estímulos do mundo externo e sobre êste operando modificações com as forças daquele, nessa dinâmica de reação e de ação, manifestava-se em Phaelante o seu estilo pessoal de sentir e agir. A palavra *ímpeto* surge, como uma constante, nos seus vários escritos. É que as suas emoções eram prontamente comunicadas; é que as suas obras eram realizadas no ato. Atuando no presente, homem do momento, não era dado à ruminação mental, longa, às vészes dolorosas. Vivacidade, agilidade, realidade que flui, renovação, palavra fácil de orador, improvisação de jornalista, rebeldia diante da disciplina, existia na alma do homenageado uma fonte de juventude.

Mas não é que Phaelante tivesse sido um indisciplinado. Apesar de definir a disciplina como “escravidão mascarada”, só superficialmente concluiríamos pela indisciplina do nosso homenageado. O que êle repugnava era o plano a longa duração, que reduz o espírito à rotina, privando-o do sal da aventura, sem o qual não há progresso possível. Disciplina de máquinas e de for-

migas, a cujas regras não podia obedecer quem, no dizer de Raul Azedo, que conviveu com o mestre durante vinte anos, tinha “excesso de força, de vitalidade e de seiva”.

Era Phaelante homem não somente ativo, mas combativo. Aqui, um traço profundo da personalidade de nosso homenageado. “Espírito insubmisso”, disse êle de si próprio, em uma de suas orações cívicas. Feito para o combate, era o combate o seu natural estilo de agir na vida social.

Na convivência com os semelhantes, no desenvolvimento da sociabilidade, pode-se influir sobre as outras pessoas com as forças da conciliação. Almas sedutoras existem, e que não se confundem com as que se utilizam, calculadamente, da manha, da fraude, da hipocrisia, não a essência, mas a corrupção dos poderes sedutores. Almas sedutoras ou conciliadoras que atingem, nos embates da vida, as metas desejadas. Mas a sedução, a conciliação, não era o estilo de luta de Phaelante. O seu ímpeto, o seu espírito insubmisso não lhe permitiriam que assim fôsse.

Combate aos políticos sem idéias; combate aos jornais lonvaminheiros; combate aos retrógados; combate aos repetidores de lições alheias, prontos para conservar, mas infensos ao inovar; combate aos legisladores desavisados; combate a tudo que representasse entraves ao progresso. Mas o espírito combativo de Phaelante não se corrompe em espírito de contradição, em azedume, em pessimismo. Nêle, o combate é um modo de ação, não um sistema de idéias. Falando sobre a sátira, no discurso que proferiu na Academia Pernambucana de Letras, ao tomar posse da cadeira para que foi eleito na vaga de João Gregório Gonçalves Júnior, diz que a “sátira dilacerante é um fruto azedo do mau humor, o sumo sardônico de um espírito irritado, golpeando impiedosamente sobre as fealdades e os vícios do gênero humano”.

Na sua luta ativa de combatente, pode ter-se exagerado, pode ter chegado a ser parcial. Mas ao homem ativo convém a parcialidade, já se disse e com tôda a

razão, porque se agir é limitar, limitar é partir, é tomar apenas a parte, é enfrentar o perigo que está na essência da liberdade. Parcial revelou-se Phaelante algumas vezes, principalmente quando se tratava da defesa de pessoas amigas e de instituições, a que dedicava amor e carinho. No seu discurso de elogio da Faculdade de Direito do Recife, por exemplo, escreve Clovis Bevilacqua, "o espírito do professor do Recife ergueu-se a grande altura e, apesar de um certo unilateralismo, deramou muita luz sobre a evolução social do Brasil". De seu mestre Tobias, a cuja escola fecunda pertenceu, exagerou, sem dúvida alguma, no calor da difusão das novas idéias, o valor dos poemas, que são bons realmente, mas que não pertencem à mesma classe poética dos poemas de Castro Alves. Lembro, de passagem, outro espírito ativo e combativo, Sylvio Romero, a quem podemos imputar idêntica parcialidade, sem o intuito, é claro, de acusar, mas com o ânimo da compreensão. E foi na ânsia de compreender que o próprio Phaelante da Câmara fêz algumas restrições a Tobias Barreto como crítico de letras e de idéias. Mas ao acentuar a veia jornalística do grande lutador, que foi Tobias, o nosso homenageado dedica, ao seu mestre, incisivas palavras de justiça, que tornamos nossas para dedicá-las ao seu autor: "Os conceitos tendo por base os princípios da ciência política, os assomos de rebeldia na enunciação de pareceres contrários aos hábitos adquiridos e às idéias dominantes, são um atestado vigoroso de que o escritor não se dá ao trabalho de verificar no registro da paróquia qual o santo do dia".

Phaelante da Câmara foi um intelectual autêntico, um homem que viveu para o cultivo da inteligência, que orientou a vida no sentido da cultura. Mesmo como homem de ação, era-o Phaelante através das letras, da tribuna, do jornalismo.

A sua paixão, a sua avidez intelectual correspondia ao estilo de sua conduta na vida. Citando Paulhan, que vê, no equilíbrio das tendências, o traço distintivo do homem equilibrado, e na predominância de uma sobre as outras tendências, o sinal característico do

homem unificado, Phaelante da Câmara aponta Martins Júnior como exemplo do primeiro tipo, e nós, apesar de não estarmos de inteiro acôrdo com a classificação do autor francês citado pelo nosso homenageado, queremos aproveitá-la para dizer que, em Phaelante da Câmara, também existiu uma "combinação sinérgica de tendências fortes".

O tema é atual. Há espíritos que se dedicam a vários setores do saber, e outros existem que preferem o trabalho em uma esfera definida da cultura. Vastos, diz-se dos primeiros; profundos, dos outros; superficiais, daqueles; bárbaros, dos segundos, e assim por diante. Entendemos que ambas as atividades, a polimorfa e a uniforme, resultam das diferentes aptidões dos homens, aptidões que diferem, pela quantidade e pela qualidade, de homem a homem.

Com efeito. Se a psicologia moderna ensina que ao lado de uma inteligência geral, há inteligências especiais em cada homem; que essas inteligências especiais podem ser numerosas e potentes em um só e único indivíduo; que noutro indivíduo, uma só inteligência especial, ganha potência e sobrepuja as outras inteligências especiais, não vemos por que se pretenda estabelecer normas em tal matéria, a não ser as normas de uma pedagogia que tome em consideração essas conquistas da psicologia moderna. Ou seja, que o homem deve desenvolver as suas aptidões.

Queixava-se Goethe, numa de suas conversas com Eckermann, que melhor teria feito, se houvesse dedicado a sua vida a um setor único da atividade intelectual. Mas é o próprio Eckermann quem pergunta, respondendo negativamente, se seria de desejar que assim tivesse acontecido. Por que afogar aptidões várias em favor de uma só? Por outro lado, por que descuidar o cultivo intenso de uma potente aptidão para cuidar do desenvolvimento de aptidões medíocres, duvidosas? Não seria de desejar, provavelmente, que Mozart tivesse dedicado longo tempo de sua curta vida à pintura, à poesia, à filosofia, sacrificando o violino de Amadeu em aras do violino de Ingres. Phaelante da Câmara pene-

trou o problema, ao escrever, em uma de suas orações cívicas e literárias, que "Victor Hugo não excedeu a Shakespeare como dramaturgo, provavelmente porque os múltiplos aspectos das suas aptidões de escritor lhe não permitiram que êle se dedicasse de todo ao teatro".

O bem e o mal, a nosso ver, não se concentram, com exclusividade, na atividade múltipla ou na única atividade, mas podem apresentar-se em ambas. A primeira pode conduzir à dispersão de energias, e a segunda, à estreiteza de espírito. Na múltipla atividade, deve haver uma segura direção, um caminho a trilhar, uma meta a atingir, uma orientação definida. Escrevendo sôbre tudo, Montaigne criou um gênero literário, e, hoje, quem cultiva o ensaio sômente, deve ser apontado como homem de um só instrumento. Na atividade especializada, ao contrário, deve-se exigir que a matéria em estudo seja submetida ao crivo de disciplinas várias. Aqui, o perigo não é caminhar sem destino, sem saber para onde, mas permanecer num mesmo lugar, acorrentado e sem horizonte. Ambas as atividades, em essência, não diferem, porque as classes, os ramos, as partes têm, em geral, mero valor didático, ou valem, exclusivamente, em determinados momentos da história.

O nosso homenageado pertence ao grupo de bacharéis inteligentes e de vasta cultura, que representa uma boa tradição de nossa vida intelectual. Homens brilhantes, de várias aptidões, a cujos cuidados se tem confiado a grande tarefa de dirigir os destinos do país, têm êles exercido um papel de grande destaque em nossa história.

Phaelante da Câmara escreveu versos e discursos; foi orador fluente e jornalista de pêsso; pesquisou história, dissertou sôbre direito e deu lições à mocidade acadêmica. No jornalismo e na tribuna, agiu social e politicamente, mostrando altas qualidades de polemista e de espírito público, amor à ordem democrática e ao progresso. Mas tôdas essas atividades têm, a nosso ver, uma significação essencial no espírito de nosso homenageado. É que tôdas elas convergem para um ponto

de chegada, e êsse ponto de chegada é o homem. Consideramos a Phaelante da Câmara um humanista, e damos à palavra humanista, tão rica de sentido, o significado de colocar, antes e acima de tudo, o homem, a pessoa humana. Vejamos, em primeiro lugar, os seus principais escritos; depois, a sua atuação na vida pública.

Uma conferência sôbre Darwin; outra sôbre Victor Hugo; outra sôbre Paula Batista; duas sôbre Martins Júnior; um estudo sôbre Maciel Monteiro, como poeta, parlamentar, diplomata, médico, orador, jornalista e diretor do Curso Jurídico de Olinda; as "Orações cívicas e literárias", obra composta de discursos e conferências sôbre José Bonifácio, Nunes Machado, João Gregório Gonçalves Júnior, Antônio Clodoaldo de Souza, Martins Júnior, bem como sôbre a libertação dos escravos, a independência do Brasil, os problemas sociais e a formação artística; um estudo sôbre Tobias Barreto, como poeta, jornalista, orador, crítico, germanista e filósofo; a "Memória histórica da Faculdade de Direito do Recife", em que pinta figuras de mestres e discípulos; a "Conferência sôbre a Lei dos Sindicatos Profissionais", matéria jurídica nova, cujo estudo, ao contrário do estudo da lei civil tradicional, toma em elevada conta o trabalhador na qualidade de pessoa humana. Agora, a sua obra como penalista — "O duelo e o infanticídio". É sabido que o direito penal é, entre as ciências jurídicas, aquela que encara a personalidade do homem com mais profundez. Dentro do direito penal, porém, encontram-se temas mais profundamente humanos que outros. Assim aquêles crimes que atingem a pessoa humana em seu bem jurídico capital — a vida, e, entre os crimes contra a vida, ressalte-se o homicídio, que é o crime **sans phrase**, do qual o duelo pode ser uma manifestação e o infanticídio representa uma modalidade típica. A outra obra de direito penal, escrita por Phaelante, é a "Divisão dos fatos puníveis", precisamente uma divisão de atos humanos. Finalmente, as suas obras em verso — "Os Tentames", "As Verdades ao Sol", "Os Elétricos" e "Rei Suicida". São tôdas

obras de poesia lírica, em que a alma solitária, não encontrando satisfação consigo própria, pensa nas outras almas, elevando-se, dêsse modo, acima de si mesma.

Na vida pública, Phaelante da Câmara batalhou por melhores governos, pela organização de operários em sindicatos, por libertar negros cativos, por ampliar direitos dos cidadãos.

Vê-se, pois, que na obra múltipla de nosso homenageado, o tema essencial é o homem, e o humanismo, o sentido de valor que lhe infunde vida e espírito.

Phaelante da Câmara nasceu nesta terra e nela viveu. No Recife, cujo calor tem levado muitos a dizer que o nosso meio físico não é propício à leitura. Apesar do pessimismo que se contém em tal afirmativa, esta cidade sempre foi e continua sendo um grande centro de estudo, uma colméia da inteligência. E, para o nosso ilustre homenageado, o meio físico, em que vivemos, ao invés de tolher o ânimo, criando disposição para a preguiça, robustece a vontade, favorecendo o espírito de luta e altivez. "Fatos, escreve Phaelante na "Memória Histórica da Faculdade", fatos indicam positivamente a dose de autonomia que o nosso meio físico imprime ao caráter dos que nêle vivem, e, quando outra coisa não demonstrassem, acentuam os impulsos nobres dos nossos coestadanos no conflito da sua consciência com a autoridade".

Pertencente a uma tradicional família pernambucana, que vem participando, há séculos, na vida política do Estado, no seio de sua família gozou o nosso homenageado o clima favorável para o desenvolvimento de seu espírito público, e depois, uma vez casado com D. Maria Albertina Phaelante da Câmara, teve a felicidade de encontrar, na espôsa, a companheira talhada para o seu temperamento, para o seu individual modo de ser. Do Comendador Antônio Pereira da Câmara Lima e de D. Maria de Albuquerque da Câmara Lima, nasceu o nosso homenageado aos 25 de outubro de 1862, no Engenho Juçara, Município de Jaboatão, dêste Estado.

Era D. Maria Albertina uma formosa senhora,

também pertencente a tradicional família dêste Estado, cujas qualidades de inteligência e coração fêz ressaltar o dr. Artur Muniz, em discurso pronunciado na Academia Pernambucana de Letras. Traços de sua personalidade eram complementos para a personalidade de Phaelante. Assim, por exemplo, com a calma, que a distinguia, punha diques aos ímpetos do espôso. Outros traços, porém, seus, identificavam-se com a alma do nosso homenageado. Haja vista à inteligência cultivada, a sociabilidade, orientada no sentido da ternura, e o interesse pela sorte das outras pessoas, qualidades que a conduziram, por exemplo, ao lado de Phaelante da Câmara, na campanha abolicionista. O nosso homeanageado e D. Maria Albertina eram apontados, no Recife, como casal modêlo. Completando-se e identificando-se, espôso e espôsa viveram o amor no casamento, que é, para os que se amam, ao mesmo tempo carência e abundância, necessidade de dar e necessidade de receber. Pouco tempo sobreviveu o espôso à morte da espôsa.

O meio cultural, em que se desenvolveu o espírito do Professor Phaelante da Câmara representa um período fecundo na história da Faculdade de Direito do Recife. A renovação iniciada por Tobias Barreto e Sílvio Romero foi profunda e duradoura. Discípulos imediatos de Tobias, ao lado de Phaelante, foram Artur Orlando, Gumercindo Bessa, Martins Júnior, Adelino Filho, Fausto Cardoso, Urbano Santos, Viveiros Castro, Graça Aranha, Virgílio de Sá Pereira e outros. Em todos estava presente o interêsse pela cultura em suas numerosas ramificações; havia em todos a ânsia de renovação, e todos mostravam que eram espíritos dignos de sua época. Formou-se Phaelante da Câmara na Faculdade de Direito do Recife, aos 7 de novembro de 1885, de cuja turma foi o orador. Mais tarde, ocupou, na Academia Pernambucana de Letras, a cadeira patrocinada por Frei Jaboatão.

As novas concepções filosóficas, jurídicas, históricas e literárias, que iam surgindo na Europa, eram aqui no Recife prontamente divulgadas, discutidas e

incorporadas ao nosso patrimônio intelectual. Cultivava-se o bom gosto literário no sentido de libertar a expressão artística dos rigores gramaticais e de desvincular o pensamento das velhas doutrinas, num brado para o progresso das letras e das ciências, surgindo, em todos os espíritos, uma decisiva disposição para quebrar grilhões, romper com o passado morto, aproveitar o passado vivo e apontar para o futuro. Assim viveu Phaelante da Câmara a sua curta vida terrena.

Para a cátedra levou o Professor Phaelante da Câmara o seu espírito de polemista. E a época era propícia à polêmica entre os criminalistas. De um lado, os continuadores de Carrara; do outro Ferri e a escola positiva. Ardente positivista, estudioso da sociologia criminal de Ferri, não admitiu ecletismo de qualquer espécie, combatendo Tarde e Alimena do mesmo modo que combatia os clássicos do direito penal. Seu espírito, já o vimos, não era talhado para a transação, para a conciliação, mas para a tomada de posição decidida, para o combate pelas escolas e partidos. Diz Otávio Hamilton que “a hipótese de um tipo criminoso, a lei da saturação criminal, a teoria da responsabilidade social do delinquente, a classificação científica dos criminosos, os substitutivos penais, tôdas as teses capitais da escola positiva, enfim, êle as sustentava com o ardor de um convencido”.

Como professor, Phaelante da Câmara, além de transmitir o direito, interessava-se pelos problemas da pedagogia, pela ciência do ensino. Provam-no as suas considerações sobre as universidades, bem como as suas idéias sobre a questão do ensino teórico ou prático das disciplinas jurídicas. Questão que não é de hoje. E como “novidade é esquecimento”, ouçamos estas palavras, que estão escritas na “Memória Histórica da Faculdade”: “Se o exame dos princípios, o estudo consciencioso das regras, a metodologia da ciência que aqui professais, desenvolvem as faculdades imaginativas da juventude, dando-lhe gosto pelas altas questões vigentes; o ensino meramente profissional, recheado de normas sedições e palavras obsoletas, com a casca grossa

das alusões de séculos desaparecidos, produzirá um triste estado de ruminação intelectual, que não é compatível com os foros do direito”.

A sua atividade de professor deixou marco nesta Faculdade. Escutemos Ademar Tavares: “Parece-me vê-lo atravessando os compridos e escuros corredores da Academia Pernambucana, todo de negro, o passo firme de homem que sabe para onde vai, o pincenez de grandes arcos de tartaruga, correspondendo à saudação dos moços que abriam alas de admiração à sua passagem no seu cumprimento habitual: amigos!... amigos!... Enche-se a sala para ouvi-lo!... Gritávamos anunciando por tôda a casa aos companheiros descuidados, ou retardatários, como uma boa nova! Phaelante!... Phaelante!... Ele subia à cátedra com a majestade consciente do belo orador que era. Não fôsse um jurista sendo ao mesmo tempo um filósofo, um homem de letras, e acima de tudo, um poeta. A frase lhe caía dos lábios redonda e sonora. Sobretudo musical. Suas preleções, que coroávamos dos mais vibrantes aplausos tinham alma, tinham calor, centelha, entusiasmo. Enfim, beleza”. Em março de 1891, Professor Substituto da Faculdade de Direito; em 12 de fevereiro de 1895, catedrático da 1.^a cadeira da 2.^a série do curso de Notariado, e, em 1896 professor da 2.^a cadeira de Direito Criminal.

Como jurista, Phaelante da Câmara deixou-nos, dentro do direito penal, dois bons trabalhos sôbre o duelo e o infanticídio. Em ambos, o seu objetivo principal não é a interpretação da lei para a sistematização do direito, mas a interpretação da lei para a crítica da legislação. A sua tendência para discutir, o seu espírito polêmico torna-o um jurista-crítico acima do jurista-dogmata. A tarefa de sua preferência não é esclarecer aos práticos do direito como o direito deve ser aplicado, mas indicar aos legisladores como o direito deve ser construído. O seu amor ao progresso leva-o para o futuro, para o direito a ser feito, a ser legislado. A política criminal satisfaz melhor a sua inteligência inquieta do que a construção de sistemas.

No "Duelo", temos um estudo de sociologia e história penal. Afirma o autor, contra Tarde, que a sobrevivência do duelo, na civilização atual, não se explica pelo simples capricho da imitação. Causas mais profundas, como o símbolo do valor pessoal dos contendores e os impulsos antropológicos da raça, é que fizeram-no sobreviver. No Brasil, formas mais primitivas do que o duelo para resolver as questões de honra estão incorporadas aos nossos costumes, mas o duelo pode nos ser trazido pelas correntes imigratórias, a exemplo do que aconteceu com a América do Norte.

A vivacidade, a atividade, a combatividade de nosso homenageado, aliadas ao profundo sentimento de honra e de dignidade pessoal que o caracterizava, o seu espírito cavalheiresco enfim levou-o a escrever as seguintes palavras sobre o duelo: "O combate singular, nos seus legítimos termos, é um depurador dos maus instintos humanos na grande retorta da civilização, e, por outro aspecto, é um dos poucos lances em que o homem civilizado pode mostrar os últimos lampejos da bravura e do nobre desprendimento da vida, brutalmente dominada hoje pelas covardias sórdidas do interesse nas suas manifestações proteiformes". Cremos ver, nessas palavras, antes o reflexo da personalidade empírica do autor do que um juízo valorativo amadurecido, muito embora Phaelante, seguindo a Ferri, proclame o direito de morrer e considere o suicídio como um fato lícito. Contudo, segundo o nosso autor, temos de escolher, de duas, uma: ou prepararmo-nos para receber o costume estrangeiro, ou darmos, ao patrimônio da honra pessoal, a proteção jurídica que merece, "as garantias que possuam a resistência das barras de aço contra as investidas vesânicas do **animus injuriandi** e o transbordamento das paixões sensuais".

Claro é que o último caminho é não somente o melhor, mas o único caminho certo. E que o bem jurídico da honra não tem recebido, da parte de nossos códigos, a proteção merecida, é verdade palpável. Basta dizer que quem quer que subtraia a nossa carteira com duas ou três cédulas de mil cruzeiros, sofrerá pena

muito mais rigorosa, já quantitativa, já qualitativamente, do que aquêle que nos calunia, nos injuria e nos difama, ferindo, dêsse modo, a nossa honra, bem, certamente, de muito mais valia para nós do que uma carteira de cédulas, que eventualmente conduzimos em nosso bôlso.

Se no "Duelo", encontramos o jurista sociólogo, no "Infanticídio", deparamos o jurista técnico. O autor faz críticas severas aos inseguros dispositivos dos nossos Códigos Penais de 1830 e 1890, que definem o crime de infanticídio. O Código Penal de 1830 considera o infanticídio como a morte de um recém-nascido causada por qualquer pessoa. Se o agente é a mãe do paciente, que pratica o crime para ocultar desonra própria, a pena é mitigada. Mas também diminui-se a pena, em relação ao homicídio comum, no caso de ser o agente qualquer pessoa, e mesmo que não tenha agido, em co-autoria, com a mãe do recém-nascido. É contra tão bizarra regra jurídica que Phaelante se insurge, afirmando não ter o nosso legislador penal do Império compreendido o pensamento de Benthan sôbre a matéria em questão. Contudo Phaelante faz uma ressalva, para justificar o nosso Código Penal de 1830, que é, na realidade, uma monumental obra legislativa, e o faz com estas palavras: "Se atendermos a que aquêle Código foi discutido ainda na terceira década do século passado; que, conforme as leis portugûesas em vigor, vivíamos num regimem atroz da Idade Média em matéria penal; que o nosso legislador em muitos pontos agiu por conta própria e levou a barra adiante das elaborações da doutrina na Europa; se atendermos a tudo isto que a verdade dos fatos impõe à justificada história, o nosso amor próprio nacional não se sente melindrado por dizermos que o legislador de 1830 não compreendeu Benthan e aberrou do bom senso ao traçar os contornos do infanticídio no artigo 197". Do Código Penal Republicano de 90, Phaelante critica o emprêgo do termo **recém-nascido**, cujo sentido é inseguro, porque conduz a interpretação da lei para um dilema perigoso: no caso do ser nascente, pergunta-se, não haverá

crime, ou, havendo, será o crime de abôrto? A resposta de que não haverá crime é absurda, e a de que se trata de abôrto, violenta o conceito do feticídio. Critica também o nosso autor o motivo de honra como fundamento do infanticídio, inclinando-se para considerar a perturbação psíquica da parturiente como causa do tratamento especial do crime em questão, que deve ser punido com pena embrandecida. Todos êsses senões dos nossos Códigos Penais passados foram corrigidos pelo vigente Código Penal de 1940, tendo nosso homenageado contribuído para o progresso da nossa lei penal comum, com os seus fundados argumentos de política criminal.

No político, em Phaelante, além das lutas partidárias, queremos ressaltar o seu pensamento democrático, avançado para a época e que o torna um homem de nossos dias. A democracia não dispensa o conteúdo social. A “questão social” é questão da ordem democrática, para ser resolvida pela democracia. Incluía-se o professor Phaelante da Câmara entre os chamados “socialistas de cátedra”, definindo-os como aquêles socialistas “que desejam, tanto quanto possível, uma distribuição equitativa da riqueza e o amparo dos trabalhadores, reconhecendo que êste resultado não pode ser conseguido pelo efeito exclusivo da liberdade ou do simples concurso das leis naturais, mas de acôrdo com a ação reformadora do Estado”.

A sua “Conferência sôbre a lei dos sindicatos profissionais”, que foi publicada pela Federação Operária Cristã e considerada valioso estudo jurídico, primeiro comentário que foi da primeira lei operária do Brasil, inicia-se com estas decisivas palavras: “Nesta questão do socialismo — que não é possível esquecer numa assembléia de operários ponho à margem algumas das minhas velhas simpatias intelectuais, esqueço o respeito jurado aos diretores do meu espírito noutra ramo de estudos, e sou unicamente o que entendo ser”.

“Não aplaudo o individualismo rigoroso de Herbert Spencer que em tantos pontos foi meu guia e mestre; não digo amem ao credo anti-socialista de Garofalo,

donde poreja o ódio de quem, sendo representante da nobreza dominadora no antigo regimen é ainda, por temperamento, um aristocrata que a educação liberal não conseguiu vencer; não me submeto ao ideal da anarquia por mais sedutora que pareça a um espírito livre a síntese filosófica de Pierre Kropotkine; não louvo as teorias marxistas, apesar dos esforços geniais de Enrico Ferri consorciando-as com o Darwinismo e concluindo brilhantemente que a famosa luta das classes, a **chave positiva da história**, segundo Marx, é a lei Darwiniana da luta pela vida desdobrando-se dos indivíduos até as coletividades”.

“Nem Spencer, nem Garofalo me privam de entrar como amigo nos arraiais do socialismo que a literatura e a ciência tornam cada vez mais amplos; nem Kropotkine com a sua excentricidade intelectual de eslavo e o seu fervor de niilista; nem Ferri com a sua sistematização de sociólogo e o seu poder sugestivo de arauto na fase nova do direito penal, me obrigam a exceder do ponto de mira que me impus nesta questão melindrosa”.

“Se eu tivesse foros de pensador, desejaria ser neste assunto do número daqueles a que na Alemanha se deu o nome de socialistas da cadeira, — professôres que, rompendo círculos de ferro dos epígonos de Adam Smith, compreenderam de outro modo o fundamento, o método e as conclusões da ciência econômica”.

Espírito progressista, repugnava-lhe tanto a reação, que nega o pensamento, como a utopia, que nega a história. Estudioso do direito, que é pensamento e história, compreendeu o professor Phaelante da Câmara que só **inova quem sabe conservar e só conserva quem sabe inovar**. Aplaudiu, na citada conferência sôbre a lei sindical, algumas iniciativas do Dr. Carlos Alberto Meneses no sentido de melhorar as condições de vida dos operários, e, numa conferência pronunciada no Clube Popular do Recife, indica, como virtude democrática, a que consiste, conforme as suas próprias palavras, em “guardar zelosamente o precioso depósito das tradições de honra dos antepassados”.

Phaelante da Câmara foi deputado provincial no biênio 1888-1889, e depois deputado federal.

Na tribuna, o orador Phaelante participou ativamente na vida política do Estado e em memoráveis campanhas de valor social e humano, como a da abolição. Da oratória, tinha o nosso homenageado o exato conceito, sabendo distinguir o que nela existe de essencial e o que lhe é acessório. A palavra do orador é a palavra do escritor, não se podendo ser grande orador sem que se seja escritor. Escrevendo a respeito de Joaquim Nabuco e Tobias Barreto como oradores, assevera Phaelante que "cada um dêles fazia o seu preparo, ou, pelo menos o esboço dos seus discursos, **in mente**, antes da hora psicológica" e que "as grandes conferências de Nabuco, as que se fizeram célebres na campanha abolicionista, foram o resultado feliz do estudo prévio". Apesar de impetuoso, Phaelante, fustigando o superficial improvisado, acrescenta: "isso que, na opinião dos espíritos fúteis, é um defeito, constitui um padrão na vida intelectual dos grandes oradores". E ainda: "as orações de Demóstenes e de Cícero não teriam chegado até nós, se fôsem o resultado estéril da improvisação".

O jornalismo, no qual realizou obra literária e de ação durante a vida inteira, encarou-o como gênero literário autêntico, não fazendo, diz Netto Campello, "o jornal à americana com demonstrações de escândalo, mas considerava-o como um expositor de idéias, de princípios, de fatos e um órgão doutrinário e de sugestões para esclarecimento e direção da opinião pública". Colaborou no "Ceará Livre", na "Fôlha do Norte", no "Jornal do Recife", na "República", na "Revista das Artes", na "Revista do Norte", na "Revista Contemporânea", na "A Província". Em 1897, colaborou na "Cidade do Rio", jornal dirigido por José do Patrocínio; em 1898, fundou a "Concentração", e em 1889, fundou "A Lanceta".

A facilidade de escrever, que é qualidade indispensável ao jornalista, e que, no bom jornalista, combina-se com as "linhas do programa e com o ponto de vista da arte", possuiu-a o nosso jornalista, e a expe-

riência com a vida de jornal fê-lo dizer que “o jornalista é o que escreve de um jato a sua tarefa, quando a figura sinistra do administrador da tipografia lhe vem dizer que o jornal precisa do artigo de fundo, à hora de ter começado o trabalho da paginação”.

Sempre os nossos homens de letras estreiam com um livrinho de versos. É uma tradição nossa. O homenagem foi fiel a essa tradição. Escreveu não somente uma, mas quatro obras poéticas. São produções da juventude, em que se exercitou na arte de escrever, dando forma, em palavras, a sua sensibilidade viva e comunicativa. É uma dádiva preciosa o escrever poesia, mesmo numa curta fase da vida, porque a divina arte, além de ser a forma de expressão literária por excelência, tanto cura as feridas da alma, como dizia Goethe, como brota das cicatrizes que na alma deixaram essas feridas, no dizer de Nietzsche.

Podemos apreciar o ensaísta, em Phaelante da Câmara, através de suas obras sobre Maciel Monteiro e Tobias Barreto. São dois estudos em que o autor, tomando como objeto de partida a personalidade desses ilustres brasileiros, dá liberdade ao pensamento e vai dissertando, com saber e penetração, sobre os mais variados temas, sobre poesia, eloquência, crítica, jornalismo, diplomacia, administração, filosofia, medicina, ciência, cultural, etc. Do estudo sobre Maciel Monteiro, diz Clovis Bevilacqua que “é um belo estudo sobre o literato e orador pernambucano, feito com muita elegância de frase, e carinhosa intenção de reviver a figura desse belo espírito de belo homem, que desperdiçou inteligência e vigor”.

No estudo sobre Tobias Barreto, Phaelante dá-nos um retrato da figura de seu grande mestre, enaltecendo os seus vastos talentos e narrando fatos de sua vida, desde os acontecimentos que ganharam alta significação histórica até os fatos de sabor anedótico, tudo isso com o carinho do discípulo digno, em cuja palavra o rigor da análise, a objetividade que se exige em trabalho de tal natureza casa com a afeição, com esse profundo laço de sentimento que unia as duas almas.

Pena é que o estudo sôbre Tobias Barreto seja uma obra inconclusa. Um capítulo da maior importância lhe falta, o capítulo sôbre o jurista, e, dentro dêle, a apreciação de Tobias como penalista, uma das facetas mais interessantes do grande sergipano.

Para a história, escreveu nosso homenageado a famosa "Memória Histórica da Faculdade", relativa ao ano de 1903, e lida, perante a Congregação em 1904, que foi considerada, pelos críticos da época, como o mais bem escrito trabalho no gênero, entre todos os institutos de ensino superior do país. Terminada a leitura da "Memória", foi o seu autor entusiástica e efusivamente cumprimentado pelos presentes, que sentiram, sem dúvida, o prazer que nos dá uma obra de arte. Diz Clovis Bevilaqua "que foi um acontecimento literário empolgante, pelo extraordinário brilho do estilo, pela firmeza de alguns traços com que desenhou figuras e épocas, e pelas saborosas anedotas, com que polvilhou de graça a sua narrativa".

O talento de Phaelante da Câmara para a história nos deixou um outro trabalho sôbre esta Faculdade, agora encarada "como centro de cultura e coesão nacional", trabalho lido aos 11 de agosto de 1905 e publicado no livro "Orações cívicas e literárias", em 1906. Dêle, diz Clovis Bevilaqua que se destaca "pela originalidade do pensamento e pela segurança da construção histórica", e representou no espírito de Phaelante, acrescentamos nós, um segundo passo para a construção da história da Faculdade de Direito do Recife, idéia nascida da entusiástica aceitação da "Memória". Mas a morte prematura não o deixou fazer a história da sua Faculdade, que, na expressão de Clovis Bevilaqua, "seria, certamente, bela e forte".

Em todos os gêneros literários cultivados, poesia, eloquência, jornalismo, ensaio e história, revela Phaelante da Câmara os seus dons de artista da palavra e de homem de idéias. Como escritor, criou, conforme Clovis Bevilaqua, um "estilo imaginoso, onde as associações de idéias surpreendem pelo imprevisto e pela opulência, onde a frase brilha animada e clara e onde

os t ermos cantam ou estalam, t em carícias ou dardos, segundo as ocasiões". Leitor assíduo dos grandes escritores, antigos e modernos, vernáculos e estrangeiros, Phaelante, no convívio dos mestres da arte literária, tornou-se um d eles, e essa arte, com que escreveu as suas obras,   que nos proporciona, ainda hoje, uma leitura amena e uma fácil compreensão do pensamento sôbre a matéria tratada, mesmo quando árida e complexa.

O pensador, em Phaelante, o homem de idéias que foi, pertence  o seu século,   filho de seu tempo.

A sua concep o do homem   científica, positiva, naturalista, para empregar os t ermos da época. Cham -la-ei concep o empírica, porque nelas estão presentes os elementos empíricos que constituem a personalidade humana, a organiza o individual, física e psiquica, de um lado, e o meio, físico e social, do outro. Não se menciona, nela, a personalidade valorativa do homem, s mente a sua personalidade empírica. Para usar uma expressão contempor nea, o homem, na concep o de Phaelante da C mara, n o   o "Moi empirique et moi de valeur";   o "moi empirique" s mente.

No estudo s bre Tobias Barreto, entre outras considera es, afirma: "o homem   um produto da sociedade em que nasce, trazendo no temperamento e no caráter os velhos hábitos e as maneiras de ser dos seus ascendentes. São  sses hábitos e essas maneiras de ser, ou, em outros t ermos, são as hereditariedades e os atavismos, que o prendem ao meio, como as raizes prendem as árvores ao solo.   êsse estado físico e psiquico de cada indivíduo operando diferentemente sob a a o do meio, que caracteriza os tipos humanos da história no desdobramento da civiliza o". A mesma concep o surge em uma das conferências sôbre Martins Júnior: "Mas os grandes homens não são produtos do acaso ou designados por um decreto nominativo do Eterno, como de Victor Hugo dizia Renan. São um produto do meio em que êles surgem, no momento próprio de refundir os velhos processos. Por isto cada fase da civiliza o acha o seu arauto num espírito superior".

Com maiores detalhes, o nosso homenageado nos fala, ao ler o discurso de posse na Academia Pernambucana de Letras, sobre êsses “arautos da civilização”, sobre êsses “espíritos superiores”, dizendo: “Costuma-se dizer que é binária a natureza de todo homem superior, porque uma parte de seu “eu” pertence ao lado comum da vida com as suas exigências cotidianas, e a outra parte à inteligência com que êle se bate pela civilização e pelo ideal eterno de um mundo mais perfeito”. E ainda, no discurso de homenagem a Nunes Machado, diz dêsses arautos e dêsses espíritos, explicando como êles agem sôbre os outros homens, que podêres possuem para fascinar as massas, surgindo, na cena histórica, como a elite da inteligência: “é que os grandes homens representam um duplo papel no drama histórico: — são, ao mesmo tempo, atores, ocupando em cena o seu pôsto, e autores imprimindo o seu cunho intelectual nos desenlaces supremos. Em tôdas as fases da civilização, — na Fenícia ou no Egito, na Acrópole de Atenas ou no Capitólio de Roma — o espírito da época se consubstância em um herói, tem o seu símbolo num grande homem. Alexandre ou Péricles, César ou Justiniano, cada um dêles representa uma fase da inteligência humana desdobrando-se à sombra das oliveiras da Hélade ou à margem das águas lodosas do Tibre. De que processos se aproveitam êsses homens para reunir os fiéis em redor de seu nome? A influência de um indivíduo sôbre a multidão, quando ela está psicologicamente trabalhada por uma crise, repousa na força sugestiva do prestígio próprio resumindo e atualizando os votos confusos e os desejos vagos que se acham no ambiente social”.

O conceito de filosofia do nosso homenageado não se restringe aos limites do sistema, porque, para êle, filosofia e literatura não são compartimentos estanques, diligências do espírito que operam separadamente. Com o senso histórico, que o caracterizava, ao escrever sôbre o filósofo em Tobias Barreto, afirma Phaelante da Câmara, contra os críticos que negam ter sido Tobias um filósofo, no sentido autêntico da palavra:

“A originalidade filosófica de um período tanto deve ser procurada nas obras ciclópicas dos filósofos, aqueles que fizeram da filosofia o ofício ou objeto de uma longa e pertinaz meditação, como nas obras dos poetas, dos moralistas, dos autores de romances e dramas. A França teve no século XVII Descartes e Malebranche; mas ao seu lado viveram Pascal, La Rochefoucauld”. Palavras certeiras e de grande atualidade, cujo pensamento, hoje, é desenvolvido e fartamente demonstrado por Benedetto Croce. E hoje, parece, a tendência da filosofia contemporânea é contrária ao sistema, voltados que estão os filósofos do dia, a exemplo de Nietzsche, para a expressão artística e literária.

A arte de conversar, tão esquecida entre nós, talvez mesmo em razão de nossas próprias condições de vida em um mundo cada vez mais absorvente, é um diálogo vivo que penetra o espírito, superando, no homem, os inconvenientes do individualismo e do coletivismo, porque deitam raízes na intimidade do ser. A conversação animada, frutífera, entre pessoas que se identificam e se completam, tem a significação profundamente humana, que não se explica exclusivamente pelos conceitos da psicologia e da sociologia. Atua além do subjetivo e aquém do objetivo, na expressão de Buber, no fio agudo em que o *eu* e o *tu* se encontram e onde se acha o domínio do *entre*.

Privados da conversação, os homens procuram o convívio com os livros, e a leitura, que é fator essencial para a formação do espírito, passa a representar quase o único e exclusivo fator dessa formação.

Ao contrário dos antigos, em meio dos quais o livro era definido como um mestre que fala mas não responde, em que a poesia se fazia com a recitação, a história com a narração, o drama com a representação e a filosofia com o diálogo, os modernos escrevem, na frase de Nietzsche, por reação, ou seja, sob ação das leituras e não pela experiência da vida.

Admiráveis, no pensamento de Praelante da Câmara, são as palavras consagradas pelo ilustre intelectual pernambucano à conversação: “Certo lente da Fa-

culdade do Recife assegurava no meu tempo de estudante no correr da preleção que de uma boa e sugestiva palestra seria possível tirar muito maior proveito do que de um bom livro. Cedo a experiência provou-me que o professor tivera razão. Conversando com o saudoso Tobias Barreto e ouvindo-lhe os sábios conceitos em sua residência, tapetada de livros como a do imortal Diderot, que trazia a porta do seu gabinete de estudo aberta a quem precisasse enriquecer o patrimônio intelectual fazendo-lhe consultas, auferi muito mais sérias vantagens do que da leitura dos velhos compêndios em voga”.

Penso que o nosso homenageado não exagera o valor da conversação. E vejo algo de verdade na afirmativa goethiana de que o ler é um arremêdo do ouvir e o escrever um arremêdo do falar. De fato. Só recorreremos aos livros, porque não podemos dispor, nas ocasiões e lugares que nos sejam convenientes, de claros espíritos que encetem, conosco, diálogos vários sobre os vários campos da sabedoria humana. Foi conversando com um grande espírito que um espírito mediano conseguiu escrever uma das obras primas da literatura de todos os povos em todos os tempos — as “Conversações com Goethe”, de Eckermann.

Meus senhores:

O nosso homenageado foi sensível aos valores da ciência e aos valores da arte, aos valores da sociedade e aos valores da moral. Cultivou a inteligência e fortaleceu a vontade. Teve caráter. Foi um homem de bem. Se, na raiz desses valores humanos, estão os valores da religião, Phaelante da Câmara, foi, certamente, um espírito religioso. Não importa tanto a sua filosofia e a sua concepção do mundo quanto a sua conduta, a sua existência realmente vivida. Se pertencer à alma do cristianismo é pertencer à alma da verdade; se ser cristão é tanto ter a fé explícita quanto a fé implícita nos valores cristãos; se se pode ter uma alma naturalmente cristã, mesmo pertencendo a outras religiões, mesmo comungando em outros credos, não hesitare-

mos em afirmar que o nosso homenageado foi um cristão. Dizer-se ateu, simplesmente, não implica falta de fé. Sou dos que pensam que quem revela amor ao próximo, conduz a Deus no coração.

Meus senhores:

Chegamos ao fim do nosso trabalho. A homenagem, que a Faculdade de Direito do Recife presta a Phaelante da Câmara, é filha do reconhecimento, é fruto da gratidão. Tôda a atividade espiritual do homenageado, no jornal, na tribuna, na cátedra, nos livros, orientada no sentido do humanismo, girava em torno desta Casa. Esta Faculdade era o centro de difusão de suas obras, o ponto de partida e o ponto de chegada das peripetivas de seu espírito.

Morto aos 29 de janeiro de 1909 na antiga Capital da República, com 47 anos de idade, o nosso homenageado continua a atuar espiritualmente através de suas obras. Que a Faculdade de Direito do Recife continue a ser para as obras o que sempre foi para o homem.